

## ROMPENDO OS LIMITES COM A ARTE POVERA: COMPOSIÇÃO COLETIVA VISUAL, ALUSIVA AO IMAGINÁRIO INFANTIL

ROMPIENDO LOS LÍMITES CON EL ARTE POVERA: COMPOSICIÓN COLECTIVA VISUAL, ALUDIENDO AL IMAGINARIO INFANTIL

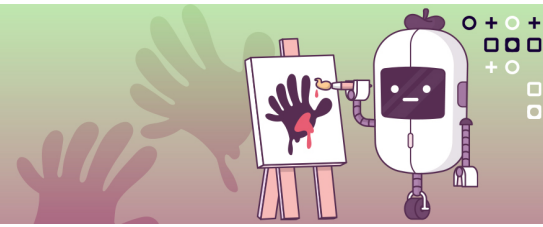
Carla Woany Rabelo Pereira<sup>1</sup>; Rosemara Staub de Barros<sup>2</sup><sup>1</sup> Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar – carla\_woany@hotmail.com<sup>2</sup> Universidade Federal do Amazonas – rosemarastaub@ufam.edu.br

**RESUMO:** Esse artigo é proveniente de uma ação que ainda se encontra em “gestação” desenvolvido em 2020/21, na linha de pesquisa de processo e criação em artes, com poucas aplicações realizada na EETI Roxana Pereira Bonessi, em Manaus, para as turmas de 5º ano. A considerar que devido a pandemia do Covid-19 e suas variantes, tornou-se rigoroso na instituição a realização de quaisquer atividades que pudessem ser realizadas de maneira coletiva e experimental pelas crianças. Foi pensado como objetivo principal, a apresentação e relatos dos caminhos que a docente e seus alunados percorreram até o momento para os exercícios de composição visual, a superação da escassez de material escolar (a problemática do trabalho) e a aproximação dos discente ao universo prático das artes visuais, através da experiência criativa, utilizando os percursos da *arte povera*. A metodologia utilizada para embasamento foi a qualitativa alinhada a pesquisa-ação, que abriu espaço para a autorreflexão coletiva perante o elo entre materialidade e a criação imaginária.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Arte povera*; Ensino Fundamental I; Composição Visual; Criação em grupo.

**RESUMEN:** La investigación, que aún está en “gestación”, presenta una propuesta pedagógica desarrollada en 2021, en la línea de investigación de proceso y creación en las artes, con pocas aplicaciones realizadas en la EETI Roxana Pereira Bonessi, en Manaus, por 5º año Clases. Considerando que debido a la pandemia del Covid-19 y sus variantes, se tornó estricto en la institución realizar aquellas actividades que pudieran ser realizadas de forma colectiva y experimental por los niños. El objetivo principal de este material es presentar, a través de un informe, los caminos que la docente y sus alumnos han recorrido hasta el momento para los ejercicios de composición visual, superando la escasez de material escolar (problema de esta investigación) y acercando a los alumnos a el universo práctico de las artes visuales, a través de la experiencia creativa, utilizando los caminos del *arte povera*. La metodología utilizada como base fue cualitativa alineada con la investigación acción, que abrió espacio para la autorreflexión colectiva frente al vínculo entre materialidad y creación imaginaria.

**PALABRAS CLAVE:** *Arte Povera*; Escuela Primaria I; Composición Visual; Creación de grupos.



## 1. INTRODUÇÃO

Trabalhar com produções coletivas na sala de aula sem a utilização de materiais comercializados, faz-se perceber certa coincidência e intenção dos percursos da manifestação *povera*. Na escola Estadual de Tempo Integral Professora Roxana Pereira Bonessi, instituição localizada em área periférica de Manaus há 17 anos, abarcada pelo Projeto Escola de Tempo Integral (PROETI), surgiu a necessidade de usar materiais alternativos para a composição plástica nas turmas do último ano do ensino fundamental I, impondo que nessa faixa etária de 09 a 11 anos, a produção criativa do aluno se torna mais complexa, já que é na 3ª infância que as crianças desenvolvem o pensamento cognitivo e seu intelecto está interligado no interesse da afirmação dos sentimentos e pensamentos coletivos, tornando mais dificultoso a aceitação de trabalhos individuais, pois os mesmos possuem a tendência de avaliar o resultado do outro e acrescentar certos empecilhos para propostas cujo o resultado é versátil, considerando por exemplo, domínio de técnica e condução do lápis, no caso de atividades com desenho.

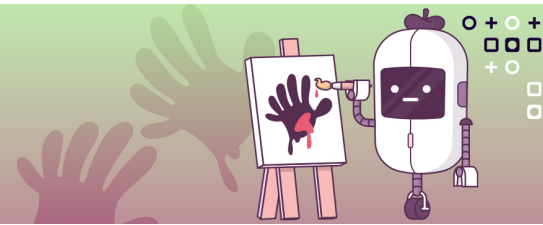
É imprescindível a informação que o currículo desse modelo escolar é mais extenso quando comparado ao do ensino regular, permitindo que os discentes tenham duas horas aulas /semanais para a disciplina de arte. Essa extensão de horas em pressuposto oportuniza trabalhos mais enriquecidos e menos superficiais, mesmo que não haja espaço específico para a produção artística.

Na atualidade as escolas públicas e particulares do país compartilham no seu meio a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento que norteia os currículos dos sistemas das redes de ensino, cujo o interesse é estabelecer conhecimentos, competências e habilidades a todos os estudantes do ensino básico (BNCC, 2017). Nos escritos voltados para a disciplina de arte é reforçado a importância do processo de criação do aluno, do expressar criativo e do fazer investigativo. Contribuições importantes para o desenvolvimento da “autonomia” estudantil, debatido nos textos pedagógicos desde o século passado.

Em consideração os textos da BNCC; a realidade escolar e as necessidades do aluno em desenvolvimento, em hipótese, só seria possível realizar um trabalho de produção coletiva na sala de aula, caso o discente de artes assumisse a identidade investigativa e construtiva para com seu aluno, ao manipular matéria prima e/ou material escolar, como parte significativa do processo de criação, mas infelizmente, não sendo segredo algum, a má gestão dos recursos públicos no Estado exalta a escassez desses objetos nas escolas públicas, e quando são ofertados não suprem a demanda, ou não possuem qualidade básica (pincéis seco, giz de cera que não solta pigmento, massa de modelar sem firmeza etc.).

Se torna mais difícil esse uso, quando o material é requisitado dos responsáveis dos alunos matriculados, pois estes possuem baixo poder de compra, onde muitos dependem de auxílio governamentais ou doações para ter o mínimo. Diante a todo esse cenário, como poderia ser trabalhado as práticas de Artes Visuais no fundamental I levando em consideração a carência de material escolar convencional/ideal?

Na tentativa de responder essa questão, chegou-se a conclusão de que utilizar materiais alternativos para composições bidimensional e tridimensional com características de produção similares da eco arte e da arte ambiental tem certa relevância, com a justificativa desses elementos terem a capacidade de englobar todos os alunos, mesmo com as diferenças socioeconômicas.



## 2. AS PRÁTICAS DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA ROXANA

A EETI Roxana Pereira Bonessi, apesar de ser integral, não se iguala as outras instituições de tempo integral que foram projetadas com espaços e auxílio de material para específico para a disciplina de arte. A escola não possui ateliê e/ou salas temáticas para as aulas práticas, sendo necessário improvisar possibilidades e adaptar ferramentas para que a realização de uma parte do currículo aconteça.

Levando em consideração os textos da BNCC (2017), os escritos das autoras Guerra, Martins e Picosque (2010) e os pensamentos de Fayga (2014). O ensino e aprendizado em arte, só seria significativo quando o objeto de conhecimento fosse o próprio fazer artístico. Desse modo, em algum momento seria necessário a manipulação de ferramentas e materiais, porém ao ser observado a realidade da escola, que além do pequeno espaço para produção e grande quantidade de alunos, tem a limitação na quantidade de componentes para dar conversa a produção visual.

“O ser humano, por meio dela forma, transforma a matéria oferecida pelo mundo da natureza e da cultura em algo significativo. Atribui significados a sons, gestos, cores, com uma intenção, num exercício (...) no qual se busca a forma justa. Vários caminhos são percorridos, várias soluções são experimentadas, num processo de ir e vir um fazer/construir lúdico-estético (...)”. (GUERRA; MARTINS e PICOSQUE, 2010, 47-48).

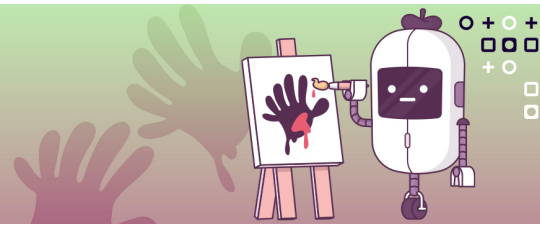
Não colocando a materialidade, em posição de destaque ou de insignificância, mas compreendendo o seu papel, como um elemento que através da ordem da mente tem o poder de configurar o íntimo. Fazendo a criança e mesmo o artista, deixar seus impulsos criativos fruïrem, permitindo que um fenômeno aconteça, ramificando seu processo criativo ao desabrochar a capacidade de brincar com a linguagem visual, logo oportunizando a imaginação a ser externalizada através da forma.

## 3. QUALQUER MATERIAL, PODE SER USADO PARA CRIAR UMA ARTE SIGNIFICATIVA?

Antes do período moderno surgir com suas tendências de rompimento estético, as obras de artes plásticas carregavam em seus adornos a obrigação de serem belas e contempláveis, entretanto com o passar dos anos, algo não tão inusitado ia acontecendo. O próprio anseio de mudanças da natureza de alguns artistas, fazia que aqueles padrões e ideais organizados, estudados e difundidos, não satisfizesse mais o intelecto de quem estava saturado, precisando se alimentar de um novo estímulo. Desse modo, surgiam tendências radicais, algo mais moderno, que questionavam as tradições e as dissolvesse, permitindo que novas visões e possibilidades viessem firmar-se, sendo uma delas a da *Arte Povera*.

De acordo com Melo (2021) os artistas desse movimento não normatizavam técnicas de execução, eles estabeleciam uma relação bem concreta com a materialidade, encaravam o suporte a algo incorporado a obra, com o mesmo valor estético. De tal modo que utilizavam aquilo que viam ao seu redor, que poderia ser uma embalagem a folhas secas, ou tantos outros que surgiam em seu caminho. Diferente do *ready-made* de Duchamp, esse estilo de trabalho se preocupava com a representatividade, o experimentalismo e o potencial artístico em um caráter especialmente efêmero, eternizado através de capturas fotográficas.

Essa versatilidade se ramifica também na cultura de consumo, e como ela é inerente as transformações sociais, a *arte povera* pode atravessar períodos e se conectar com a contemporaneidade. Observando a flexibilidade que o movimento trouxe, a professora questionou, se ao se apropriar junto com seus alunos dessa dinâmica, seria possível promover um ensino-aprendizado significativo de arte no seu



espaço escolar. Com maior enriquecimento, em relação as trocas de experiência em grupo, observando o quão influente as variações das heranças culturais e criativa se apresentariam sobre o ambiente. Para Larrosa (2002) a experiência surge do sujeito através de uma reflexão sobre si mesmo, precisando de tempo e das trocas de sentido para que a apropriação ocorra.

Figura 1 – Alunas materializando ideias. Fotografia Digital



Fonte: Acervo particular, 2020

#### 4. OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO COLETIVA EM SALA DE AULA

O que antes era chamado de Artes, hoje chamamos de Arte, a falta do “s” na nomenclatura da disciplina escolar, não a desconsidera, mas traz consigo o lugar de integração de todas as linguagens artísticas, aproximando suas modalidades expressivas, a ponderando com um campo de conhecimento, assim defende, o professor Isaac Camargo (2010). No Brasil o ensino da arte tornou-se obrigatório para todos os níveis da educação básica em 13 de julho de 2010, a partir da reformulação já estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases de 1999, que garantia a “promoção do desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 2010).

Nosso sistema educacional passou por mudanças contrastantes no decorrer da história. De uma disciplina trazida para os filhos dos colonizadores, que depois passou a pertencer também a classe trabalhadora. Carregando pedagogias tecnicistas, “escolanovista” e hoje a disciplina ganha finalmente sua autonomia. “É muito importante trabalhar com nossa cultura local, fazendo com que o aluno perceba o que tem de arte em sua comunidade, e como isso é percebido” (SANTOS, 2006, p. 26).

Para abordar arte em sala de aula o professor precisaria ter a capacidade de entender e dialogar com os processos criativos dos seus alunos, Ostrower (2014) e Salles (2017) ressaltam que as pessoas têm a necessidade humana de criar. Ordenando, moldando ou posicionando alguma matéria, algo que se envolve em um plano de símbolos, significados e comunicação.

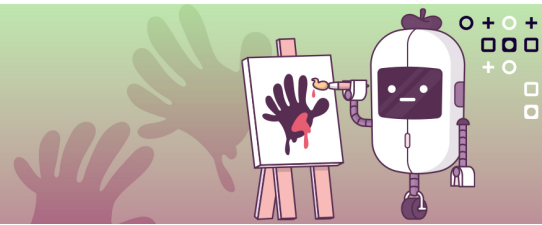


Figura 2 – Representações de instrumentos musicais. Fotografia Digital



Cedido por Gutemberg de Oliveira Alves, 2021

## 5. METODOLOGIA

A intenção principal da metodologia escolhida é a abordagem qualitativa, embora parte dessa pesquisa registre quantidades, esses serão interpretados como parte reflexiva do projeto, informando com maior propriedade os fatores positivos e negativos sobre a experiência, pensamento e escolha dos alunos, abrindo espaço para a autorreflexão coletiva, da própria pesquisa-ação.

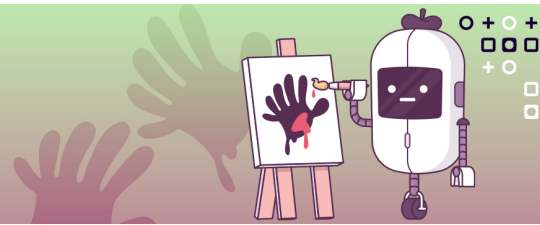
O uso dos elementos das artes visuais (ponto, linha, plano e cor) é um parâmetro essencial dessa ação, visualizando a ideia de que é através desses que os alunos são em parte alfabetizados para leitura e produção artística na linguagem plástica. E ao vincular esses elementos a consciência de práticas sustentáveis, e a experimentação estética ou da própria expressão artística, temos acessibilidade, no qual alunos mais velhos são levados a ter consciência, de serem solícitos, para o enfrentamento das dificuldades preeminentes onde estão inseridos, assumindo certa responsabilidade para o seu desenvolvimento acadêmico.

Como sugestão para atingir os objetivos específicos:

- ⇒ Mostrar aos discentes através de aulas programadas a versatilidade no uso de materiais não convencionais para a produção artística com embasamento no estudo dos elementos das artes visuais e do movimento *povero*.
- ⇒ Analisar o processo de criação dos alunos, os planejamentos, ações coletivas e interpretações diante todo arranjo construído através do imaginário.
- ⇒ Realizar exposição das obras e fotográficas para a comunidade local, analisando a percepção do público sobre os objetos fotografados.

Os procedimentos metodológicos adotados nessa obra estão sendo divididos em; levantamento e estudo bibliográfico nacional e estrangeiro que possua os mesmos relacionamentos da pesquisa, primeiro através do mapeamento (estado da arte) de trabalhos acadêmicos publicados nas plataformas

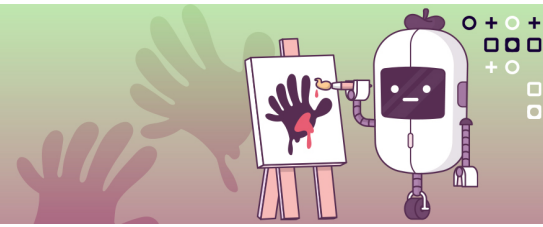




brasileiras para compreender as ações adotadas e os autores abordados. A ponto de reafirmar o propósito e uma maior cobertura de acontecimentos, que difere positivamente em comparação a pesquisa direta. Outra parte é o estudo de caso, aplicado no relacionamento entre as duas turmas de 5º ano, oferecendo mais precisão aos registros de observação e retorno nas aplicações práticas na sala de aula. E por último, mas não menos importante, a integração da pesquisadora aos alunos, assumindo a função no grupo de provocadora, instigando-os as diferentes possibilidades de se trabalhar no coletivo.

## 6. ETAPAS DO PROCESSO

- ⇒ **PRIMEIRA PARTE:** Aula sobre o reconhecimento dos elementos visuais nas obras plásticas de artista brasileiros – Aqui os alunos desde 2020, nas séries a partir do 3º ano, vem estudando e se familiarizando com os elementos visuais (ponto, linha, plano e cor), com conceituação, exercícios específicos e reconhecimento destes nas obras apresentadas através de projeção multimídia em sala. (Etapa aplicada constantemente no decorrer do processo);
- ⇒ **SEGUNDA PARTE:** Aula expositiva sobre arte e artistas que usam materiais “não artístico” nas suas obras - Nesse espaço os alunos farão o reconhecimento de elementos visuais em obras de artistas locais, (nos anos que passaram não houve concretização dessa etapa, o material ainda se encontra em andamento.) voltadas para os andamentos da **Arte Povera**, eles serão provocados a responder se esse tipo de trabalho possui menos valor (estético, artístico e expressivo) que outras obras realizadas com tinta, argila, computadores etc. Os artistas e obras que serão abordados (de início escolha) serão dos artistas Vik Munis, Helen Rossy, Priscila Pinto, Rosa dos Anjos. Tempo: planejamento de 8h a 12h e aplicação da aula em 2h (1 semana);
- ⇒ **TERCEIRA PARTE:** Espaço para questionamento da turma sobre os limites da produção artística - Aqui iremos fazer uma roda de conversa, onde tudo será registrado discretamente, para que não haja timidez ou mesmo respostas programadas sobre as falas dos alunos, a ideia é que todos possam contribuir com algum dizer ou intenção de resposta. Sobre o que eles consideravam arte e não arte, se a matéria prima comprada ou coletada influenciava no valor da peça, se seria possível criar uma composição plástica sem o uso dos elementos visuais, se eles tinham tido contatos com esse tipo de obra antes de conhecerem na escola, se na sua família possuía algum artista, etc. Tempo: planejamento de 2h a 4h e aplicação da aula em 1h (1 semana);
- ⇒ **QUARTA PARTE:** Coleta de objetos desprezados a caminho de casa - Após o último encontro com a turma eles serão orientados a recolher pelo caminho de casa qualquer objeto que possa usar nos seus exercícios plásticos, do natural como folhas, galhos, sementes, casca de árvores, pedras a resíduos sólidos como plástico, tecido, papelão etc. E através de um olhar seletivo eles deverão analisar, selecionar e classificar as peças colhidas para uso posterior nas composições em grupo. Tempo: planejamento de 1h a 4h e tempo de coleta de 2 semanas;
- ⇒ **QUINTA PARTE:** Limpeza e esterilização das peças e sua classificação - Ao levarem para a escola esses objetos, os alunos irão lavar ou esterilizar com álcool para que depois de seco, serem classificados e organizados em caixas os que eles julgarem ser um objeto que representa o ponto, a linha, o plano, a cor. Tempo paralelo a da coleta: 2 semanas;



- ⇒ **SEXTA PARTE:** Divisão de turmas em grupo de 5 - Serão sorteados os grupos aleatoriamente, dando uma margem de 14 grupos no total (referente aos 80 alunos dos dois 5º anos), onde cada grupo elaborará as obras em laboratório adaptado. Sem tempo mínimo ou máximo estabelecido, visando respeitar o período que cada grupo necessitará para concluir seu processo de criação. É deduzido a participação de toda equipe em torno de 7 semanas (1h30 diário, no intervalo do almoço);
- ⇒ **SÉTIMA PARTE:** Anotação sobre as escolhas e ordenação das peças e nome da obra adotado pela equipe - Todos os passos que os alunos e a professora realizarem, serão registrados através de fotografias e vídeos por terceiro. Anotações serão realizadas sobre os nomes das obras e a justificativa do porquê dessa escolha em grupo. Tempo paralelo a das produções: 7 semanas (1h30 diário, no intervalo do almoço);
- ⇒ **OITAVA PARTE:** Exposição no pátio da escola das obras e dos objetos fotografados - As fotografias das obras serão impressas em papel couchê em formato F4 (31,5x46 cm) e disponibilizadas para exposição para os moradores locais e professores. Não deixando de lado a identificação da obra, dos proprietários intelectuais, tempo de produção e quais elementos usados. Mostra de 1 dia com 8 horas de exposição.

## 7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

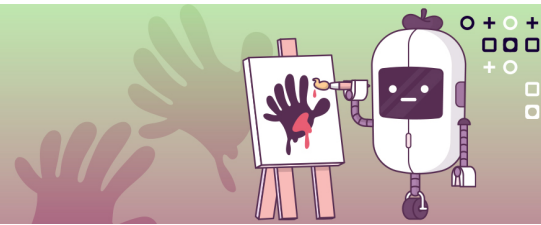
Os primeiros resultados que ainda é considerado experimental surgiram nas adaptações de atividade de arte e projetos internos. Onde os alunos cobriam juntos com a sua professora o déficit de recursos na realização de trabalhos coletivos. Os estudantes apresentavam disposição ao construir personagens, cenários, instrumentos e jogos englobando materiais e ideologias da arte *povera*, foi analisado que ao fazê-los responsáveis pela coleta de recursos e elaboração em equipe, eles se empenhavam e se permitiam envolver com maior propriedade. Rascunhavam protótipos, trocavam ideias com pessoas do seu meio, adaptavam partes e concretizavam suas expectativas.

Esse projeto também abriu espaço para que as crianças pudessem relacionar dois pontos importantes para a sua formação como cidadãos: a expressividade lúdica em artes visuais e a prática de sustentabilidade. A principal razão de introduzir na escola o uso de materiais alternativo (ecológicos e residuais) está na possibilidade de maior cobertura do público, para o exercício de elementos visuais, mesmo que haja diferença de idade, cultural, desenvolvimento físico / cognitivo e status sociais.

Provavelmente o percurso consciente usado pela docente aproximou seus alunos do saber artístico, já que o processo criativo não se desconecta e nem se separa de seus produtos, e muito menos do conhecimento que gerou. Ao aplicar uma técnica em sala de aula, por exemplo, uma composição usando e focando apenas nas cores, o indivíduo é estimulado a ter pensamento científico e artístico ao sistematizar seus procedimentos, analisando, selecionando e organizando.

Se há um universo de questões em cima de uma técnica singular, imagina relacioná-la a temas transversais? Como o caso da Educação Ambiental e Educação para o Consumo, usado apenas como uma vertente nessa proposta, ao interligar o processo criativo com a formação do cidadão consciente.

Tantos os artistas quanto as crianças em desenvolvimento têm a necessidade inerente de criação, por serem sensíveis ao seu meio, e para se produzir qualquer objeto seria indispensável o uso daquilo que chamamos de consciente ou subconsciente para a escolhas diante a tantas variedade. Esse relacionamento é o principal critério para o processo de criação, as percepções provindas desse ato, faz



com que seja organizado na mente impressões e interpretações dando noção do uso do intelecto. (OSTROWER, 2015).

Para Sueli Ferreira (2012), Martins, Picosque e Guerra (2010), esse tipo de produção representa também o olhar contemporâneo, existindo um déficit contestável de abordagem na escola sobre o estilo. A arte contemporânea se alimenta dos avanços do desenvolvimento social, sendo menos ingênua e otimista em relação ao futuro, em comparação ao modernismo, tendo em seu potencial a criticidade e leitura de mundo em relação ao aqui e agora, sobre as consciências das condições do presente, abrindo espaço para as questões ambientais e o desperdício.

Em relação a infância existe na escola a conscientização sobre os problemas sociais e ambientais utilizado em campanhas, programas e projetos na escola com atividades classificadas como lúdicas, abarcando desde a primeira série, acreditando que a mente em desenvolvimento, interaja com essas questões nos relatos do seu cotidiano, na elaboração de desenhos vinculado ao uso do imaginário como principal ferramenta de expressão individual. Para o professor que trabalha com as artes plásticas/visuais, os exercícios dos elementos visuais dão margem para o ensaio de composição, improvisação e interpretação.

## 8. REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas Sobre Experiência E O Saber De Experiência**. Revista Brasileira de Educação [online], nº 19. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. MEC/SEB. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>. Acesso em: 01 de julho de 2020.

CAMARGO, Isaac Antônio. **Arte ou Artes?** Publicado por BORGUES, Rodrigo (Acesso original desativado). **Arterodrigo**, Londrina: 03/2010. Disponível em: <http://arterodrigo.yolasite.com/blog-artrodrigo/arte-ou-artes->. Acesso em: 24 de novembro de 2021.

MARTINS, M.C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M.T.T. **Teoria e prática do ensino de arte**. São Paulo: FTD, 2010.

MELO, Glenda. **A arte povera e a ruptura do suporte no ensino de artes visuais**. Belém - PA: editora RFB, 2021.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**, 30ª ed – Petrópolis: editora vozes, 2014.

SALLES, Cecília. **Processos de Criação em Grupo: diálogos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SANTOS, Gisele. **Metodologia do Ensino de Artes**. Curitiba: Ibpex, 2006.

Este Artigo foi apresentado originalmente no I Seminário do Prof-Artes – ONLINE. Poéticas e Práticas de Reinvenção na Pesquisa e Formação em Artes no Amazonas, realizado nos dias 02, 03 e 04 de dezembro de 2021, na Cidade de Manaus – Amazonas.